

**RAFAEL ROMANO FIGUEIREDO**

**A CRIANÇA E A EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO DA SALA  
DE AULA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO**

**Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no curso  
de Psicologia, sob orientação da Profa. Dra.  
Denize Rosana Rubano**

**Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008**

## Agradecimentos

Agradeço à professora/orientadora Denize Rubano pela disponibilidade e atenção, assim como pela amizade.

Agradeço ao João Pedro também pela disponibilidade e ajuda.

Agradeço informalmente aos professores de fenomenologia que pude ter ao longo desses anos: Edu, Ari, Marcos e Nichan. Entendo que além de ensinarem pelo conteúdo, ensinam também por seu modo de ser.

Agradeço ainda a minha tia Carmem por me incentivar e ajudar na escolha da escola.

Agradeço à escola Invenções pela disponibilidade e acolhimento.

7.07.08.00-2 - Psicologia do Ensino e da Aprendizagem

Rafael Romano Figueiredo\_: A criança e a exploração do espaço da sala de aula: um olhar fenomenológico, 2008.

Orientadora: Profª Drª Denize Rosana Rubano

Palavras – chave: exploração de sala de aula; criança; fenomenologia

### *Resumo*

No presente estudo, com base na pesquisa qualitativa e no método fenomenológico, pretendeu-se retratar uma vivência específica de uma criança em uma escola situada na zona oeste de São Paulo. Pesquisou-se como a criança explora o espaço de sua sala de aula, no sentido de verificar o que a liberdade/não liberdade de movimentação e exploração dos espaços propicia em termos de experimentação/aprendizagem. Partindo da idéia de que o espaço registra a maneira de viver a relação pedagógica, buscou-se o significado que emerge para a criança quando esta pode livremente experimentar possibilidades em relação aos diferentes espaços de sua sala de aula. Para isso, a pesquisa foi dividida em dois momentos. Numa primeira etapa realizaram-se observações para compor descrições sobre como uma turma de alunos entra em contato com os espaços de sua sala de aula. Numa segunda etapa, através de uma entrevista aberta e também da realização de desenhos por parte de uma criança, pretendeu-se acessar o significado que têm para ela os diferentes espaços desta sua sala de aula. Pôde-se perceber que o espaço significado pela criança está muito relacionado às atividades ali realizadas. Ela se apropria do espaço compreendendo-o como espaço de ação, espaço do aprender e do brincar. O espaço também possui o significado de colaboração representando convívio social - aprender a colaborar em atividades coletivas.

## SUMÁRIO:

|                                                        |    |
|--------------------------------------------------------|----|
| I – Introdução                                         | 1  |
| Educação para a fenomenologia                          | 3  |
| Existência / Corpo                                     | 8  |
| II - Método                                            | 10 |
| Descrição                                              | 15 |
| Procedimento de coleta dos dados                       | 17 |
| Procedimento de análise dos dados                      | 19 |
| A escola                                               | 20 |
| A sala de aula                                         | 22 |
| III – Descrições das visitas e entrevistas             | 23 |
| IV – Análise / Discussão                               | 46 |
| V – Referências Bibliográficas                         | 52 |
| Anexo I – Sala de aula                                 |    |
| Anexo II – Combinados da turma                         |    |
| Anexo III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |    |
| Anexo IV – Desenho da sala de aula                     |    |
| Anexo V – Desenho dos cantos preferidos                |    |
| Anexo VI – Desenho da sala imaginada                   |    |

## **I - Introdução**

Não há como distanciar meu interesse a respeito do tema educação e minha história de vida a ela relacionada. De certa maneira posso destacar eventos (experiências e fatos) que a meu ver são mais relevantes para o entendimento dessa minha escolha, sem descartar, no entanto, a importância que outros eventos, mesmo que indiretamente, tiveram ao longo da minha vida escolar. Apresento a seguir os pontos que revelam melhor essa minha escolha.

Primeiramente, o que me motiva a investigar a temática em questão é a vontade de gerar mudanças no que já está instituído. Sinto um enorme descontentamento com o que em geral vem sendo construído nas salas de aula e, dessa forma, gostaria de contribuir para o incremento de uma percepção crítica a respeito de como esse espaço vem sendo usado. É difícil escolher apenas um tema e através dele representar esse descontentamento. No entanto, partindo do pressuposto de que a educação é um dos mais importantes pilares das sociedades e de suas formações, ousar apontar que a mudança no espaço educacional e, mais especificamente, nas salas de aula, possa se constituir em fator gerador de mudanças na educação como uma instituição social.

Ao longo da minha vida escolar sempre fui afetado pela questão do espaço físico das salas de aula, significando-o como sendo uma restrição. Mais tarde percebi essa restrição como “restrição de potencialidades/possibilidades”.

Quando nos remetemos às nossas lembranças temos a impressão de que as recordações do tempo de escola são tão presentes quanto, por exemplo, as recordações familiares. Conservamos lembranças de experiências boas e outras categorizadas como não tão boas assim. Essas recordações mais amargas também fazem parte da nossa construção, ajudando-nos na nossa formação.

Já tomando minhas experiências como base, posso pincelar aqui o que estou chamando de experiências boas e más. As boas estão vinculadas principalmente à alegria com os amigos, à alegria da aprendizagem, à relação proveitosa com professores amados e aos divertimentos. Já as más estão ligadas também aos amigos, e inimigos, às regras impostas, aos professores de que não gostávamos, portanto a momentos de frustração.

Por ter sido sempre uma criança “hiperativa” (adorava me movimentar) com muita vontade de usar o espaço à minha volta, me sentia enormemente frustrado ao ter que me enquadrar nos esquemas escolares de uma sala de aula que não entendia. Esquemas do tipo, ficar quieto sentado determinadas horas numa carteira, ter aulas sempre no mesmo espaço delimitado (variando pouquíssimas vezes).

Assim, usando minhas vivências como exemplo, mostro como o desenvolvimento do meu tema se relaciona aos meus momentos escolares, à minha “odisséia pedagógica”. (Gusdorf, 1970, p.7).

### Educação para a Fenomenologia

Num sentido geral, para a fenomenologia a educação aparece como sendo “o fenômeno da aprendizagem da cultura”. (Rezende, 1990, p.46), aprendizagem que ao mesmo tempo é humana e significativa.

Aprendizagem humana ou humanizante, pois se trata de aprender de maneira humana a ser homens para existirmos como tais. E aprendizagem significativa, pois sendo o mundo humano caracterizado pelo surgimento do símbolo, falar de aprendizagem humana é também falar sobre sua natureza simbólica. Dessa forma, “(...) a aprendizagem humano-significativa vai consistir em buscar o sentido que se articula no símbolo (...)”. (1990, p.51).

Considerando a educação como aprendizagem da cultura, Rezende nos aponta: “(...) a educação aparece como processo-projeto de humanização do sujeito, que não seria simplesmente objeto-passivo, mas sujeito-ativo da história e da cultura. Neste sentido, mais do que um mero processo, a educação pretende ser um projeto de personalização dos sujeitos, de desalienação tanto individual como coletiva”. (1990, p.69).

Enfatizando a importância que tem a escola para a criança, Gusdorf (1970) também nos ajuda a compreender a escola como lugar privilegiado, onde a criança será desafiada em suas primeiras tentativas:

Assim sucede à criança quando entra no lugar privilegiado que é para si a escola. Não vem a ela para se enriquecer ou se atulhar de dados indiferentes; não se trata de um carregamento, dia após dia, de matérias várias que se acumulam no seu espírito. Tudo o que aprende fora de si mesma é ainda qualquer coisa que aprende de si mesma. O ensino recebido inscreve-se na perspectiva de certas

possibilidades que exprime, ou de certas impossibilidades que desmascara. A primeira coisa que tem que aprender é o seu jeito ou falta de jeito, a sua inteligência ou ininteligência: a mínima lição, o mais simples exercício surge como uma interrogação dirigida à personalidade no seu conjunto. (1970, p. 87).

Quando iniciei minhas leituras procurei encontrar autores que refletissem sobre a importância da escola, tanto para o desenvolvimento da criança, quanto para a organização social como um todo. Procurei ler juntamente autores que falassem sobre a educação em geral e autores que pensassem sobre sala de aula e ambientes escolares. Assim, foi fundamental primeiramente fazer uma revisão bibliográfica a respeito do conceito de sala de aula. Essa expressão pode ser abordada de diferentes maneiras conforme veremos.

Inicialmente, num sentido figurado Sanfelice (1989) percebe o Lar como sendo sempre a primeira sala de aula de cada indivíduo. Dessa forma o autor se estende colocando que todas as instituições funcionam como verdadeiras salas de aula com o intuito de ensinar não só valores e idéias como comportamentos. Ampliando a expressão ao seu extremo, o autor sugere que podemos usá-la nos referindo a “toda existência humana como atividade de uma grande sala de aula devido ao constante conjunto de aprendizagem”. (1989, p. 83).

Seguindo outro caminho Sanfelice (1989) delimitando o conceito de sala de aula, entende que esse espaço é o local específico das instituições escolares, definindo-o: “A sala de aula, então, não é aquele espaço físico inerte da instituição escolar, mas aquele espaço físico dinamizado prioritariamente pela relação pedagógica”. (1989, p. 86).

Zuben (1989) chama a sala de aula de “espaço de ação” colocando que é nesse espaço que:

(...) se desenrolam mais intensamente as articulações e contradições entre o eu e o outro, entre o passado e o futuro, entre a tradição e a revolução, entre a criatividade e o conformismo, entre a fala dialógica e a fala impositora, entre a difusão de idéias entre pessoas e a infusão de idéias sobre as pessoas. (1989, p. 125).

Completando seu pensamento ele nos coloca: “A sala de aula é, antes da emergência do conceito, o horizonte dos meus possíveis, o instante inovador na vida do indivíduo, lugar existencial que compõe com outras dimensões do existir a trama da história social dos indivíduos”. (1989, p. 127).

Abordando uma perspectiva política, Araújo (1989) toma a sala de aula como “um lugar dinâmico e contraditório de circulação (transmissão-assimilação) do saber” (1989, p. 43). Este autor compreende o espaço da sala de aula como “espaço privilegiado do pedagógico” (1989, p. 44) que “transmuda-se em espaço político” na medida em que deve preocupar-se com a exploração e dominação: “trata-se de lidar com as contradições de classe, vale dizer, com os oprimidos contra os opressores” (1989, p. 43). Nesta direção Araújo (1989) procura apontar a sala como “o lugar da veiculação do discurso dos oprimidos” (1989, p. 39). Concluindo também afirma que:

O conceito de sala de aula, inserido nesse axioma, é um dos momentos do processo de libertação; é o lugar que os oprimidos deveriam ocupar, para fazer circular um discurso que aponte, no mínimo, para uma alteração inovadora do caráter conservador que o ilusório liberalismo implica; ou, no máximo, para uma revolução do modo de produção capitalista. (1989, p. 39).

Tendo em conta todas estas noções, apresento a seguir as reflexões de Freire & Costa (1989), que se constituem naquelas em que mais me espelharei no presente trabalho. As autoras, com muita originalidade nos introduzem a idéia de que:

O espaço da sala de aula é retrato da relação pedagógica. Nele é que o nosso conviver vai sendo registrado, marcando nossas descobertas, nosso conhecimento, nossas dúvidas. O espaço é retrato da relação pedagógica porque registra, concretamente, através de sua arrumação (dos móveis...) e organização (dos materiais...) a nossa maneira de viver esta relação. (1989, p. 96).

As autoras nos fazem atentar para o que já está instituído, colocando que a relação pedagógica tomada como “mera transmissão de conhecimento, onde a criança é mera receptora passiva”, reflete um espaço “ocupado por mesas enfileiradas onde basta olhar a nuca do parceiro e prestar atenção no professor lá na frente”. (1989, p. 96).

Nesse contexto, as autoras enfatizam o poder criativo da relação pedagógica quando a criança pode possuir esse espaço, povoá-lo com suas possibilidades experimentando assim seus alcances e limites em seus relacionamentos. Dessa forma, nos apontam a inexpressividade do que é vivido nas escolas quando, dentro das salas, encontramos as paredes sempre nuas ou decoradas alienadamente.

Seguindo o mesmo sentido, Oliveira (2007) também nos aponta a importância dos ambientes de aprendizagem como recurso pedagógico. Ela reflete sobre a idéia de que o planejamento espacial é um determinante em relação às interações que a criança pode desenvolver num ambiente de aprendizagem: “O planejamento espacial da creche ou pré-escola imerge as crianças em um mundo de estímulos visuais e

cinéticos, em que as características (formato, cor, textura, usos) dos objetos... são por elas interpretadas como desencadeadores de determinados enredos de ação”. (2007, p.195).

Segundo Oliveira (2007), os ambientes existentes nas creches e pré-escolas sempre foram motivo de investigação por parte dos pesquisadores da educação ao longo da história: “As pesquisas são claras em demonstrar a importância da significação que a criança pequena empresta ao ambiente físico, que pode lhe provocar medo ou curiosidade, irritabilidade ou calma, atividade ou apatia”. (p.192).

O ambiente escolar é considerado pela autora “como um campo de vivências e explorações” (p. 193), com múltiplos recursos e possibilidades, que a criança pode reconhecer e significar, entrando em contato com ele, ampliando seu mundo de percepções e sensações. Como recurso de desenvolvimento, o ambiente de aprendizagem serve principalmente para a criança experimentar e avaliar intenções possíveis. Oliveira enfatiza que estas características deveriam romper com a mesmice e o imobilismo das propostas que, infelizmente, se concretizaram no sistema educacional em geral.

### Existência/Corpo

Para a fenomenologia existencial, o homem é compreendido como ser-situado-no-mundo; uma das estruturas do ser é ser-no-mundo, ser relacional. Diferente do que estamos acostumados a pensar, a existência se traduz, é realizada no corpo; o homem é corporal, portanto, a maneira de estar no mundo é sendo corporal. O ser humano não é apenas o corpo fisiológico que a ciência não se cansa de estudar, não é algo que está dentro de um corpo, mas sim, um ser que se desdobra no ser corporal.

A experiência corpórea não deve ser compreendida como um fato que tem uma existência em si, longe de sua atualização a todo o momento. Devemos entender a percepção como fundo de todos nossos atos, como encontro do sujeito com o mundo, e nesse sentido, enquanto as coisas se manifestam ao sujeito, este também está se fazendo. “O corpo não é um meio utilizado pela existência para exteriorizá-la” (Bicudo, 2000, p. 32). Vivo as experiências sempre a partir do meu corpo. O corpo como qualidade de uma existência traduz-se em corporeidade assim como a espacialidade ou temporalidade.

Não sendo destacável do mundo, o homem não deve ser considerado como algo em-si, e sim como homem em situação. Longe de uma passividade ou inércia, o homem age em direção ao mundo, movimenta-se buscando sua atualização a cada instante. Sendo aberto ao mundo, ele é correlativo ao mundo, acontece no mundo.

Dessa forma, o papel do corpo se traduz em “colocar-nos em contato com o outro e com o mundo”. (Carmo, 2000, p. 82).

“Cada movimento corporal, cada olhar, cada passo que se dê, significa a eleição de um ponto do espaço como o local onde se assenta e ancora tal movimento”. (Lacerda, 1984, p. 17).

É no contexto da educação como processo de humanização do sujeito, do corpo que nos coloca em contato com o mundo e do espaço da sala de aula (que na educação formal é o espaço privilegiado da relação pedagógica, das possibilidades de viver esta relação) que se coloca o problema do presente trabalho.

Quando iniciei minha escolha tinha a idéia de investigar como a criança é atrapalhada pelo espaço da sala de aula. Tal pretensão foi transformada na intenção de pesquisar como a criança vivencia esse espaço da sala de aula, procurando mais especificamente retratar o tipo de vivência que a criança poderia ter em relação ao espaço físico da sala em que se encontra. O que percebemos hoje nas diferentes escolas é que, na medida em que a criança cresce, a organização do espaço da sala de aula vai se tornando restritivo e padronizado. Na maioria das escolas, na medida em que a faixa etária da criança aumenta, a organização da sala de aula vai se resumindo a carteiras enfileiradas e poucos espaços alternativos para que ocorram atividades diferentes. Dessa maneira, o ambiente se impõe negativamente sobre a formação e o desenvolvimento da criança.

De certa maneira somos lançados num mundo que invariavelmente apreendemos e percebemos como natural. Aceitando esse mundo como se ele já possuísse uma significação estabelecida, ou seja, percebendo-o como natural, o aceitamos como “único possível, nos movendo nele através da segurança” (Critelli, 1984, p. 23). Com a garantia de poder

controlá-lo e prevê-lo, me movo nesse mundo, não contando com a possibilidade de encontrar espaços vazios onde correria o risco de precisar me inventar, me arriscar, mas sim, contando com a possibilidade de ter uma única referência, me fixar no já acostumado (conhecido).

Neste contexto, pensei em pesquisar como a criança explora o espaço de sua sala de aula, no sentido de verificar o que a liberdade/não liberdade de movimentação e exploração dos espaços, propicia em termos de experimentação/aprendizagem.

## **II - Método**

Para investigar a relação entre o espaço da sala de aula e a experimentação/aprendizagem dividi minha pesquisa em dois momentos. Numa primeira etapa realizei observações para compor descrições sobre como uma turma de alunos entra em contato com o ambiente (sua classe). Pretendi observar se há contato físico na exploração dos espaços, se há movimentação, com que frequência essa movimentação se repete ou se torna inovadora, se todos os ambientes são percorridos, se há relação entre colegas e assim por diante.

Numa segunda etapa, para complementar minhas observações, pretendi acessar o significado que tem para uma criança os diferentes espaços da sala de aula. Concordando com Freire & Costa (1989) quando dizem que o espaço registra a maneira de viver a relação pedagógica, pensei em buscar o significado que emerge para a criança quando esta pode livremente experimentar possibilidades em relação aos diferentes espaços de sua sala de aula.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O presente trabalho teve seu projeto aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-SP, conforme protocolo 244/2008, datado de 29/9/2008.

Diferentemente da tradição empírica, que trabalha com fatos e suas causalidades, pretendi utilizar a pesquisa qualitativa que se aproxima da tradição existencial e trabalha com a idéia de fenômeno. Fenômeno pode ser entendido como aquilo que pode tornar-se manifesto, que se mostra num local situado. A palavra fenômeno deriva do verbo *fainestai* que significa *mostrar-se a si mesmo*. Logo, fenômeno é o que se manifesta, o que aparece. Já a idéia de fato é entendida como sendo tudo que pode tornar-se objetivo (Martins & Bicudo, 1989, p. 21-22).

A concepção de Homem trazida pela fenomenologia apresenta uma diferença fundamental quando comparada com a concepção das ciências naturais. Na concepção naturalista de ver o mundo, a relação entre sujeito e objeto é considerada como relação de partes que existem separadamente e independentes uma da outra; dessa forma, a objetividade pode ser garantida se há uma neutralidade total do pesquisador.

Para a pesquisa qualitativa o pesquisador está fundamentalmente implicado na coleta dos dados, possuindo uma postura ativa em relação ao que está pesquisando. O pesquisador interage de forma participativa ao invés de se distanciar do fenômeno em questão.

Na fenomenologia, não havendo a dicotomia sujeito-objeto, não podemos dizer que existem objetos puros, em si mesmos ou também consciência pura, longe do mundo. Antes de priorizar apenas o sujeito ou apenas o objeto, para a fenomenologia “a consciência do sujeito é sempre consciência de alguma coisa e o objeto é sempre objeto para uma consciência” (Carmo, 2000, p. 21), ou seja, a consciência será sempre um ato intencional que visa o objeto, tendendo ao mundo.

Criticando esse modelo tradicional que coloca a realidade humana cindida em instâncias como, por exemplo, corpo e mente, eu e mundo, a fenomenologia contribui para uma compreensão da realidade propondo um retorno às coisas mesmas. Criticando o positivismo, a abordagem fenomenológica nos apresenta a idéia de que:

(...) antes dos múltiplos saberes existe a experiência do mundo, que dá sentido ao discurso científico. Está claro, que o universo científico se elabora sobre um mundo vivido, original, e retornar às coisas é retornar a esse mundo, onde o Eu entra em contato, não com o pensamento do mundo, já elaborado, construído, mas com o mundo original, antes de qualquer significação. (Franco, 1996, p. 23).

O pensar fenomenológico é apropriado à educação, pois ao invés de trabalhar com verdades teóricas, preestabelecidas, a fenomenologia trabalha com o vivido, o experienciado, buscando a compreensão e o sentido dos fenômenos.

Sendo o ponto de partida dessa abordagem o mundo dado, vivido, o mundo tal como é experienciado, penso que a fenomenologia é o melhor método para quem estuda o cotidiano, ou melhor, a prática cotidiana. “O fenômeno passa a ser considerado aquilo que está presente à consciência, o imediato, e a fenomenologia será, portanto, o instrumento da captação da presença imediata, antes de qualquer mediação ou síntese; buscando a compreensão intuitiva das idéias, da essência” (Franco, 1996, p. 18).

Sempre buscando “aquilo que se desoculta, que se desvela, da opacidade do mundo vivido” (Merleau-Ponty, 2006, p. 23) a tarefa da fenomenologia consiste em encontrar o fenômeno além das aparências, naquilo que o fenômeno tem de mais fundamental - seu ser. A fenomenologia consiste, portanto, em uma postura de observação, configurando-se numa constante abertura para os sentidos e significados.

O delineamento fenomenológico irá conceber que o pesquisador ao adotar o enfoque qualitativo não tenha em vista uma preocupação em possuir uma prévia postura em relação ao que vai ser estudado. Considerando que qualquer pesquisador já está sendo dirigido pelo que compreende quando partirá para se relacionar com o fenômeno estudado, essa abordagem reflete que o pesquisador recuse aceitar pré-concepções acerca desse fenômeno. A pretensão, conforme já referido acima, é ir ao encontro das coisas mesmas, sem o cuidado de possuir uma concepção *a priori* do que será estudado.

O método fenomenológico busca focar a totalidade do fenômeno, explicitar a estrutura essencial ou fundamental do observado. Buscando uma estrutura que se oculta a todo o momento, que se mistura ao já conhecido, a fenomenologia se traduz numa forma de observação desvinculada do conhecimento já adquirido.

Ao pesquisador que pretende trabalhar com a pesquisa qualitativa em educação é necessário o interesse pelo sujeito que irá experienciar o fenômeno. A pesquisa qualitativa, segundo a abordagem fenomenológica, tem como base a idéia de que só haverá um fenômeno a ser estudado enquanto houver um sujeito vivenciando esse fenômeno. Ou seja, em minha pesquisa devo estar atento ao sujeito que está experienciando o espaço da sala de aula.

Portanto, com a preocupação de desvelar e explicitar a constituição dos acontecimentos cotidianos que acontecem dentro do espaço circunscrito da sala de aula, entendo que a tarefa de conduzir uma pesquisa no modo fenomenológico é procurar reavivar e compreender os fenômenos experienciados pelo sujeito. “Reavivar o fenômeno significa reviver, tornar vivo o espírito”. (Martins & Bicudo, 1989, p. 76).

A trajetória fenomenológica possui basicamente duas características principais: a compreensão e a *redução fenomenológica*. A *redução fenomenológica* consiste em colocar em suspensão, entre parênteses, minhas afirmações, não no sentido de negá-las, mas sim no sentido de compreendê-las. Trata-se de eliminar o julgamento prévio que podemos ter sobre o fenômeno, através de teorias ou crenças, partindo para uma concentração total na experiência em foco. Portanto, significa a busca pelo modo como o conhecimento do mundo acontece, o modo como o conhecimento do mundo se dá.

Diferente da explicação que busca basicamente causalidades, a *compreensão* de um fenômeno significa ir além de sua representação: “(...) compreender é ver o modo peculiar, específico, único de o objeto existir, tal como, compreender as qualidades próprias (...)”. (Martins & Bicudo, 1989, p. 15).

### Descrição

Não se limitando a estancar o fenômeno observado para melhor explicá-lo, no método fenomenológico não iremos encontrar uma descrição passiva do que está sendo evidenciado. Fazer uma descrição fenomenológica não consiste em uma enumeração dos fenômenos e sim, ir ao encontro deles na medida em que eles se desocultam. Busca-se a continuidade do que se está observando e não o estancamento ou isolamento.

Para a fenomenologia há uma clássica distinção entre explicar e descrever: “explicar é um ato artificial, enquanto descrever supõe abordar o fenômeno na perspectiva do homem que o vivencia tal como ele se apresenta para a consciência” (Carmo, 2000, p. 22).

Nesse sentido, a descrição passa a ser encarada como uma ponte de aproximação ao que se dá, do que se mostra (fenômeno). Busca-se alcançar o fenômeno da maneira como ele se dá, descobrindo os sentidos menos aparentes, indo ao encontro do essencial.

“Descrição é o processo de busca de significado de um fenômeno”. (Heidegger apud Gomes, 1987, p. 10).

Para se realizar uma descrição é necessário o conhecimento de aspectos que podem ser considerados problemas metodológicos, quando não compreendidos.

Quando se inicia uma observação, sempre há uma seleção e distorção em relação ao que está sendo observado, pois cada pesquisador possui condições individuais. Há também uma seleção e distorção no

momento da lembrança do que é escolhido, assim como no momento do relato escrito (transcrição).

Não há como negar que pode haver distorções ao se realizar uma descrição, porém, como para a fenomenologia não há um movimento de neutralidade como acredita a ciência positivista, o que realmente irá restar é a experiência vivida na relação pesquisador-pesquisado.

Para que as distorções relacionadas acima não fossem tão grandes a ponto de inviabilizar uma descrição, redigi minhas observações no momento em que estive dentro da sala de aula.

O objetivo de uma descrição não é buscar uma exatidão ao relatar o fenômeno estudado, mas criar para o leitor uma clara reprodução do mesmo.

“Dizer o que uma coisa é ou onde ela está não é descrevê-la. Descrevê-la é poder dizer como ela pode ser diferenciada de outra coisa ou como pode ser reconhecida.” (Martins & Bicudo, 1989, p. 46).

### Procedimento de coleta de dados

Os dados coletados para essa investigação foram, numa primeira etapa, provenientes de descrições feitas a partir de observações (esporádicas – uma vez por semana) realizadas pelo próprio pesquisador. Pretendi observar uma única turma (de primeira série do Ensino Fundamental) ao longo de dois meses, acompanhando sua rotina diária numa específica sala de aula. Escolheu-se aleatoriamente, após o primeiro mês de observação, uma criança dentre as pertencentes à turma que freqüentava a sala observada para participar de uma entrevista.

Como já antecipei anteriormente, registrei minhas observações no momento em que estive dentro da sala de aula em contato com a turma de crianças. Registrei, inclusive, o contato da criança com o professor e os outros alunos. Em minha observação registrei quais atividades foram realizadas em aula e também quais modificações ocorreram na organização física do ambiente.

Minhas observações estavam dirigidas para perceber se as crianças circulam pela sala inteira, se elas freqüentam todos os ambientes, de que maneira entram em contato com eles, tocando ou não os objetos que este ambiente comporta. Estive atento em observar como acontece esse contato com os diferentes micro-ambientes, se as crianças têm a possibilidade de entrar em contato com qualquer espaço que tenham vontade a qualquer momento. Ou se, ao contrário, privadas dessa possibilidade as crianças reagem de maneira tímida ou se mesmo assim se dirigem aos ambientes proibidos naquele momento.

Dessa forma tomei muito cuidado ao me posicionar dentro da sala de aula, pois pretendia ser o mais discreto possível para não influenciar de maneira direta no comportamento da criança a ser observada. Revelei minha identidade, assim como, minimamente os objetivos da pesquisa para o grupo, como forma de me distanciar da postura de um cientista totalmente externo à cena escolar.

Numa segunda etapa, pretendi entrar em contato com o significado que a criança dá para os diferentes espaços de sua sala de aula. Primeiramente, pedi para que uma criança desenhasse sua sala de aula como um todo e, em seguida, pedi para que ela me falasse sobre o desenho, o que também ajudou para uma melhor interação entre pesquisador e sujeito. Em seguida, pedi que fizesse um desenho que registrasse a sala de forma dividida, registrando os chamados cantinhos. Para finalizar esta etapa, solicitei a ela que desenhasse e descrevesse uma sala de aula que ela mesma construiria.

Para acessar o significado que a criança dá aos diferentes ambientes, realizei, no momento em que a criança me contava sobre o seu desenho, uma entrevista aberta. Esse tipo de entrevista caracteriza-se por um roteiro com perguntas abertas, possibilitando que o entrevistado discorra sobre o tema proposto de forma livre. Dessa forma também, permite que o entrevistador não perca o foco, pois, através de um roteiro evita-se o esquecimento do que se pretendia conhecer.

No roteiro pensado, pretendi utilizar perguntas de fácil compreensão por parte da criança, assim como uma linguagem simples. Neste roteiro-guia pretendi abarcar a avaliação que a criança faz dos diversos espaços

e também como ela divide o ambiente da sala de aula. Estive atento buscando verificar com a criança os seguintes tópicos:

- avaliação da criança sobre determinados espaços da sala de aula (gosta /não gosta, como se sente neles);
- atividades que costuma realizar nesses espaços;
- avaliação das atividades (gosta/não gosta, como se sente nelas);
- como ela se descreve participando das atividades em sala, focando como ela se movimenta.

Os encontros e falas foram registrados através de um gravador para que não houvesse distorções no conteúdo das entrevistas.

#### Procedimento de análise dos dados

Realizei a análise dos dados coletados buscando formar categorias de sentido. Não utilizei nenhum quadro referencial como guia deixando emergir as categorias conforme o processo de análise foi se desenvolvendo. Procurei, através da compreensão e interpretação dos dados registrados, identificar categorias, núcleos de sentido.

Sendo uma postura de observação e descrição, mas não se limitando a uma descrição passiva sobre o fenômeno, o método fenomenológico é também tarefa de interpretação.

A descrição do fenômeno situado e a compreensão da intencionalidade de quem dá significado para este fenômeno constituem a base da análise de dados para a pesquisa fenomenológica.

A reflexão sobre o que se observa, decifrando o sentido oculto no aparente, buscando constâncias ou núcleos de sentido, representa o trabalho de interpretação e análise dos dados. Na pesquisa, a apropriação

do que queremos conhecer acontece através do círculo hermenêutico: compreensão-interpretação-nova compreensão.

### A escola

Fundada em 1981, a escola surge com a intenção de complementar a educação formal dada pelas escolas na época. Após vinte anos de sua inauguração o espaço passa por inúmeras reformas até se configurar não mais somente como pré-escola e recreação infantil, passando a atender como uma escola também de primeira série, dando continuidade ao Ensino Infantil. Hoje atende do Berçário, com crianças de três meses, ao Ensino Fundamental.

Segundo o site da instituição, a escola se baseia em uma proposta sócio-construtivista possuindo seu foco principal nas artes. Declaram-se como tendo a perspectiva pedagógica Montessoriana. Segundo a escola, seus objetivos levam em consideração aspectos primordiais do ser humano, como ser criativo e criador, ser cognitivo, ser afetivo e ser social. Através de uma metodologia de trabalho que valoriza a construção do conhecimento pela ação da criança e uma aprendizagem significativa e contextualizada no seu cotidiano e no cotidiano da sociedade, a escola desenvolve o Projeto Viver com Arte. Promovendo atividades diversificadas por meio das quais o aluno tem a oportunidade de desenvolver o senso estético e expressar-se criativamente, o projeto possibilita à criança sentir, compreender, contextualizar, criar e transformar a realidade, podendo atuar como agente transformadora da sociedade.

Através desse projeto, a escola busca integrar sensibilidade, emoção e estética ao aspecto cognitivo do aluno, ampliando sua compreensão do Ser Humano e da sociedade em que vive. Para o desenvolvimento dessa

sua proposta o colégio oferece às crianças salas de aula com ambientes preparados e materiais pedagógicos diversificados, uma área livre onde têm a oportunidade de contato com o verde e a terra, além de uma equipe preparada de coordenadores e professores mediadores.

A escola está situada no bairro de Perdizes, na zona oeste de São Paulo, numa rua bastante arborizada e pouco movimentada. A instituição trabalha com crianças com idade de 3 meses até 8-9 anos, atendendo um público de nível sócio-econômico de classe média. A maioria dos frequentadores reside nos bairros vizinhos à escola.

A escola está instalada numa grande casa que possui vários ambientes divididos em três andares. No andar principal (térreo) se encontram os berçários e também os três níveis infantis, além da secretaria e coordenação. Neste andar também pude observar uma sala de sucatas, usada para reaproveitar os materiais mais velhos, recicláveis. No andar superior existem mais quatro salas, inclusive aquela em que foram realizadas as observações. Estas salas são das turmas de primeiro, segundo, terceiro e quarto ano, que são divididas por período – manhã e tarde. O mais interessante está nos fundos da escola, no subsolo – lá pude observar um refeitório bem amplo, uma cozinha para os funcionários, um parquinho, uma pequena horta, uma composteira, um pequeno galinheiro. É interessante também ressaltar que, ligando o andar térreo ao subsolo, está um escorregador ao lado de uma escada normal. Dessa forma as crianças, quando querem, podem descer para o parquinho pelo escorregador.

### A sala de aula (Ver Anexo I)

A sala onde acompanhei a turma de primeiro ano fica no segundo andar, em cima da recepção da escola. Nesse andar ainda estão situadas mais três salas, além dos banheiros.

Esta turma de primeiro ano possui apenas quatro alunos (L, V, G, A), dois meninos e duas meninas, que se conhecem muito bem por estudarem juntos desde o ano passado. Todas as crianças têm de 5 a 6 anos. A turma possui uma professora fixa (M) que os acompanha no dia-a-dia. Logo em seguida ao período de minha observação uma menina boliviana entrou nesta turma.

Nesta sala, assim como nas outras neste andar, as paredes são bem decoradas com cartazes e desenhos (figuras) coloridos. São cartazes com informações, como por exemplo: os “combinados da turma” - o que pode e o que não pode ser feito em sala (Anexo II) - o quadro de horários, desenho de crianças segurando balões onde estão escritas as datas de aniversários dos alunos, quadro de receitas, mural de recados, ajudante do mês. Pude observar também uma estante com brinquedos feitos pelos próprios alunos, além de um círculo vermelho no chão utilizado para atividades em roda.

Na parede ao lado de onde a professora guarda seus materiais fica exposto o cartaz com os horários da turma. Os alunos possuem uma rotina bem demarcada. De segunda a sexta, numa primeira parte da tarde, sempre realizam a mesma sequência de atividades – roda de conversa, trabalho livre e parque. No segundo horário da tarde (a partir das 15:30h) as atividades variam e, conforme os dias da semana, os alunos possuem aulas como, educação ambiental, música, inglês, expressão plástica. Participam de atividade chamada trabalho coletivo todos os dias, assim

como sempre quando voltam do lanche fazem a atividade de relaxamento ou hora da história.

### **III - Descrições das visitas e entrevistas**

Primeira visita à escola:

Em minha primeira visita tive uma reunião com a coordenadora da escola para apresentar meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso. Após a autorização para a realização do projeto, fui conhecer a escola e a sala onde poderia realizar as observações.

Segunda visita:

Nesta segunda visita à escola, ainda fui para conversar com a coordenadora e finalizar acordos para a realização do projeto, assim como para entregar um resumo do meu trabalho. Basicamente fui colher as assinaturas para enviar ao Comitê de Ética da PUC-SP e estipular as datas em que poderia começar as observações. A coleta de assinaturas foi realizada conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo III).

Neste dia também pude conhecer a professora da classe e conversar alguns minutos com ela.

Terceira visita:

Este foi o primeiro dia em que permaneci dentro da sala, acompanhando a turma de primeiro ano. É importante ressaltar que em todos os dias que acompanhei a turma, pude conversar com a professora para minimamente conhecer a rotina de atividades do grupo.

Cheguei por volta das 13h15min, horário de entrada da turma da tarde. Ao entrar na classe fui apresentado pela professora aos alunos como um estudante que acompanharia alguns dias de atividades da turma para realizar um trabalho para a faculdade.

Acomodei-me num canto da sala (onde eles guardam as mochilas) e esperei que a aula iniciasse. Inicialmente, a professora e as crianças sentaram no chão, formando quase uma roda, para conversar e decidir como começariam as atividades. Ao longo da breve conversa, duas crianças deitaram sem que a professora chamasse a atenção delas.

Decidido o que fazer, as crianças vão para as carteiras que estão agrupadas em quatro (em pares, uma na frente da outra), e iniciam os exercícios da apostila. Esta atividade consiste em realizar os exercícios propostos na apostila, que desta vez era completar as falas de personagens e realizar uma colagem. Cada criança pôde fazer uma página escolhida livremente, não era necessário todas estarem no mesmo exercício.

As crianças estavam livres para buscar seus materiais na mochila, assim como levantar e sentar na carteira - a professora não os repreendia mandando ficarem sentados. A professora teve que chamar a atenção em apenas um momento, quando A. ficou muito tempo de pé, ao lado de sua carteira, interrompendo a realização de seus exercícios e falando sem parar. Nesse momento chamou a atenção do aluno dizendo que se ele não sentasse, não conseguiria fazer o exercício que se acumularia para sexta-feira.

Enquanto faziam os exercícios as crianças conversavam entre si e mostravam uns aos outros o que realizavam. Após a atividade a turma foi para o intervalo fazer o lanche e brincar no parque.

#### Quarta visita:

Iniciei esta visita depois do intervalo da turma, por volta das 15h30m. Cheguei à sala junto com as crianças, acomodei-me no mesmo canto da outra vez e observei que as crianças iam escovar os dentes antes de iniciar as atividades. Entravam e saíam correndo da sala, sempre gritando e conversando entre eles. Quando todos já haviam entrado na sala a professora pediu para que sentassem para iniciar a atividade de contar histórias.

Durante esta atividade, os alunos sentam ao lado da professora, encostados na parede, ouvindo com atenção. Enquanto M. lê a história, um aluno deita de lado, outro rói unha, outro levanta e acompanha a história em pé – a professora não repreende nenhuma atitude. Também apontam para os balões dos personagens do livro pedindo para que a professora leia.

Quando a leitura acaba, conversam um pouco sobre a história e logo levantam para buscar a apostila na mochila. Enquanto pegam as lições, brincam com suas mochilas diferenciando as qualidades de cada uma e em seguida correm para as carteiras.

Sentados nas carteiras, com seus estojos, começam a apostila. Como no outro dia em que observei, na apostila existem diferentes exercícios que eles podem escolher qual fazer primeiro, mas necessariamente devem fazer todos até uma data estipulada pela professora. Nesta atividade, alguns com certa dificuldade de escrever vão buscar o “varal de letras” - uma caderneta com as diferentes letras do alfabeto que ajuda os alunos a escolher a mais apropriada para cada palavra. No meio dessa atividade, G. pega um livro na estante e acha a palavra que não sabia escrever e a copia em seu exercício. Um pouco antes, L. põe um livro na cabeça e organiza sua mesa, isso sem que a professora chame sua atenção.

Como em outras atividades, na maior parte do tempo, os alunos tiveram a liberdade de levantar e sentar no momento que queriam, assim como iniciar e parar a lição quando escolhiam. A professora só chamou a atenção deles quando percebeu que estavam demorando demais para sentar ou continuar a lição – nesses momentos, alertava os alunos para sentarem e continuarem o exercício.

Finalizando o exercício que estavam fazendo na apostila, a professora de inglês aparece na porta da sala pedindo para que os alunos a acompanhem. Quando ela aparece na porta, os alunos já levantam rapidamente e literalmente correm para a sala da frente. Entram, sentam nas carteiras que estão enfileiradas uma ao lado da outra, mas logo se levantam e começam a cantar uma música em inglês. Nesta música, eles representam cada personagem da história (por exemplo, mãe e bebê) com tons de voz e gestos característicos. Em seguida, cantaram outra música identificando as diferentes partes do corpo, cada vez cantando e se movimentando mais rápido. Na música seguinte cantam e dançam batendo o pé no chão e em alguns momentos da música gritam, sem que a professora os repreenda.

Após cantarem, a professora apóia um laptop em uma carteira situada em frente às carteiras dos alunos e coloca um vídeo dos personagens da Disney ensinando palavras em inglês. A professora comenta que gostaria de passar o vídeo parando em alguns momentos, mas os alunos insistem que ela passe inteiro, sem parar. Dessa maneira, vão repetindo as palavras e frases sem parar o vídeo.

Mais no fim da aula, a professora deixa-os sozinhos na sala, de porta fechada, para que terminem de assistir o vídeo. Uma aluna fica em pé em cima da cadeira, mas logo se ajoelha, olhando atentamente para a porta da sala como se para ver se a professora entraria. Logo ela vai até a porta para abri-la e espiar a professora. Neste momento a professora entra na sala, mas percebendo que os alunos estão tranquilos sai novamente.

Quando ela volta, os alunos insistem para que ela os deixe assistir o vídeo mais um pouco. A professora brinca fingindo que irá tirá-lo, e percebendo a excitação dos alunos, negocia com eles até que parte vai permitir que assistam.

Pude perceber que os alunos e a professora estão acostumados a estudar com a gritaria vinda das outras salas. Pude ver também que a professora não reclama quando os alunos ficam de joelhos nas cadeiras ou debruçados em cima das mesas. Apenas em um momento, quando A. se debruça em cima da carteira, a professora pede, em inglês, para que sente.

Nesta sala observei que não há quase nenhum mural ou cartaz criado pelos alunos, apenas um isopor pintado e um cartaz com a rotina de uma outra turma. Há muito material empilhado em uma estante assim como quase nenhum espaço livre, diferentemente da sala dessa turma de primeiro ano.

Finalizada a aula de inglês, voltam correndo para a outra sala, sentam nas carteiras e, sem que a professora peça, continuam o que estavam fazendo (o próximo exercício escolhido individualmente da apostila). Percebo que o rádio está ligado, num volume baixo. Logo quando percebo isso, uma das alunas, que estava apontando seu lápis perto do lixo, comenta que a música que estava tocando era brega. A professora espantada retruca perguntando se ela sabe quem é o autor da música. A aluna, sem hesitar, responde que sim, que é o Cazuza. A professora ainda espantada ri com a aluna e se dirige a mim para explicar que deixa o rádio ligado, pois há um projeto (não especificado) que a escola inicia sobre música popular brasileira.

G. levanta duas vezes seguidas: uma para perguntar sobre a lição para a professora (que permanece no mesmo lugar o tempo todo, para que os alunos se dirijam a ela), e outra para mostrar sua lição a seu colega. Neste momento, com bastante gritaria, a professora finaliza esta

atividade pedindo para que L. ajude-a a recolher as apostilas e para que os outros alunos guardem seus estojos que estão em cima da mesa.

A professora passa, então, a explicar a atividade de matemática a ser realizada. Nesta atividade chamada de trabalho coletivo, todos os alunos fazem o mesmo exercício, que, no momento era contar quantos objetos desenhados havia na lição, escrevendo o número respectivo e desenhando na tabela.

Enquanto faziam o trabalho coletivo conversavam muito sem que a professora chamasse a atenção. Terminando a lição eles se cumprimentaram com a mão se parabenizando e foram guardar o estojo na mochila enquanto corriam e brincavam uns com os outros.

Passando para outra atividade, a brincadeira simbólica, sentaram no chão, no canto da sala ao lado da porta. Rapidamente três alunos já vão buscar uma caixa de papelão, mas a professora chama a atenção deles dizendo que precisam pensar antes qual pintor estão estudando e o que realizarão. Com vários materiais (papel colorido, cola, tesoura) à mão e sem considerar o pintor que estão estudando, decidem (os alunos mesmo) revestir a caixa de papelão com papel colorido fazendo um mosaico. Esta caixa será usada para guardar os brinquedos usados que os próprios alunos trouxeram para compartilhar com a turma.

Enquanto três alunos trabalham sentados junto à professora, um prefere ficar em pé e usar a mesa para realizar seus recortes. É interessante destacar que a professora só coordenou os alunos, não mexendo nos materiais. Coordenou dizendo, por exemplo, para que eles não cortassem os pedaços de papel muito grandes, ou para limparem o espaço antes de passar para outra cor de papel. Também intervinha dizendo quando estavam cortando muito papel e desperdiçando material. Durante a realização da atividade G. comentou: “Sabia que quando a gente mexe na tesoura é um exercício para meus dedos? Meus dedos gostam”.

Em outro momento, durante a mesma atividade, L. pega um desodorante no chão e fala que o cheiro é cafona. Todos querem sentir o cheiro e a professora pergunta se eles sabem o que é cafona. L. responde que é quando algo é estranho. Em seguida, a professora tenta explicar o que significa, comentando, inclusive, que eles precisam saber o significado do que falam.

Durante essa atividade os alunos conversam muito, contando histórias pessoais. No fim da atividade um aluno pergunta quando vão poder brincar com os brinquedos da estante e a professora aproveita esse momento para explicar novamente os horários das atividades.

Para finalizar a professora solicita que todos ajudem uma das alunas a limpar o espaço. Acabando a limpeza, colocam os brinquedos na caixa e escolhem quais vão usar para brincar até que o tempo de aula acabe. A. escolhe um brinquedo que parece ser um avião e sai pela sala brincando de voar com o avião. G. escolhe um objeto que parece um sapo e brinca ao lado de A. Brincam individualmente por pouco tempo, pois a aula já estava terminando.

Neste dia de observação o ambiente estava igual ao da minha visita anterior. Apenas a caixa de papelão que os alunos prepararam era a novidade ficando num canto, ao lado da porta.

#### Quinta visita:

Neste dia quando cheguei à sala percebi que esta estava vazia. Caminhei até a sala da frente onde encontrei a professora e os alunos. Como a professora da turma dos alunos mais velhos tinha faltado, a professora M. e sua turma ficaram um pouco nesta outra sala. Dessa forma, não houve a roda de conversa e quando a turma voltou para a sala trataram de recomeçar a apostila. Os alunos ficaram fazendo os exercícios da apostila até o fim da aula. Não tive a oportunidade de perceber melhor

qual exercício estavam fazendo, mas pude ver que preenchiam os exercícios pintando. Como havia pouco tempo de aula, a professora deixou-os completando a apostila e assim pudemos conversar um pouco. Nesta conversa M. contou que quando a rotina dos alunos não é respeitada eles reclamam, dizem que não querem perder as atividades. Logo a professora finaliza a aula para que os alunos desçam para o parque.

Nesta visita pude perceber que havia, ao lado da porta, a caixa de papelão com o mosaico com brinquedos dentro. As carteiras estavam agrupadas da mesma forma da visita anterior.

#### Primeira entrevista – duração de uma hora:

Neste dia, fui encontrar L. em sua sala de aula, como de costume. Quando entrei na sala percebi que ela estava aparentemente descontente: estava sentada (debruçada) na carteira com o rosto escondido entre os braços. Conversando com a professora pude entender que ela estava daquela forma, pois era a primeira semana que a aluna nova (boliviana) estava na turma. Com a ajuda da professora pudemos nos encaminhar para a sala da frente, que estava disponível para nosso encontro. Antes de sair da sala percebo que neste dia as carteiras estavam separadas, dispostas individualmente pelo ambiente.

Chegando à sala acomodamos-nos nas carteiras enquanto eu explicava que iria realizar uma entrevista, como a professora já havia adiantado a ela. Pedi a permissão para gravar a entrevista e iniciei a conversa explicando sobre o desenho que gostaria que ela realizasse. Pedi que desenhasse sua sala de aula (Anexo IV) e expliquei que enquanto desenhava eu iria conversando com ela. Tentei deixá-la bem à vontade, dizendo que poderia usar tanto os materiais que eu havia trazido,

quanto os de seu estojo. Levei para entrevista lápis de cor, lápis, papel, grafite, borracha e apontador.

E – Aqui é a sala de inglês, né?

L – É a sala do..... da terce.... da quarta série e da terceira série. Mas a professora de inglês faz aula aqui.

Longa pausa, deixei que L. se concentrasse no início de seu desenho.

E – L., você gosta da sua sala, você tem aula lá todo dia?

L – Ahã...

E – (percebendo que o lápis estava difícil de apontar) Use estes aqui L. Eu trouxe para você usar mesmo.

E – O que você está desenhando aí...?

L – Minha sala.

E – Eu sei, mas... me conta um pouquinho do desenho.

L – Aqui é as carteiras, aqui é os cartazes, aqui é o trabalho livre, aqui é a lousa, aqui são as mochilas, as lancheiras... aqui é o negócio lá...

E – A cortina né?

L – É

E – E o trabalho livre, o que é mesmo que eu não lembro?

L – É um tipo.... a gente faz primeiro a roda da conversa, aí o trabalho livre é....um monte de brincadeira, jogos, que a gente fica jogando até a hora do parque. Quando termina o horário de trabalho livre a gente vai para o parque.

E – E no trabalho livre vocês escolhem o que vão fazer, né?

L – É, qualquer coisa.

(pequena pausa)

E – Vocês usam muito a lousa?

L – Hum... sim, mas não muito. Ontem a gente não usou...

E – E aqueles brinquedos da estante, vocês usam muito?

L – Todos os dias... mas tem que usar, né?

E – Por quê?

L – Porque até chegar a hora do parque, né....Tem o alfabeto móvel, eu não pego muito porque já sou esperta, mas o T. (apelido de A.) é sempre demorado na lição e ele só pega trabalho livre que não é tipo de alfabeto, de letra, de número, e ele é sempre demorado.

E – E ele usa o varal de letras (alfabeto móvel) então?

L – A gente também usa, mas muito a gente não usa muito... quase nem usa...a gente usou um dia para escrever galo, mas eu já sei escrever galo e nem precisa.

E – Você escreve bem né?

L – Eu sou, às vezes, sempre a segunda a fazer a lição. Antes eu era primeira, aí a V. era a segunda. Aí agora a V. é a primeira e eu a segunda... Mas às vezes eu faço rapidinho...

(pequena pausa)

E – E L., como vocês usam esse espaço da sala de aula?

L – Hum, como assim?

E – Ah, como é que vocês é... vocês fazem atividades todos os dias, usando todo o espaço, ou vocês ficam muito sentados nas carteiras?

L – A gente não fica muito sentado na carteira, porque ontem a gente nem sentou. Só senta pra tomar lanche...

E – Então vocês podem circular pela sala?

L – É, tipo, a gente pode sentar no espaço que tem aqui e aí pega o tapetinho e fazer o trabalho livre.

E – Todo dia tem o trabalho livre então, né?

L – Todo.

E – Você gosta?

L – Sim.

E – Mas me conta um pouquinho como vocês fazem?

L – A gente tem um que é assim, é da Mônica... Tem as figuras dos países e os personagens, e aí a gente tem que embaralhar, a gente vira dois. A

gente vira um, que tem a figura, e vira outro que tá embaralhado, tipo... Tipo, a gente embaralha, aí a gente encontra a figura, tipo a figura do anjinho na França, aí a gente vira o outro, a Magali... acho que...(hesitação)

E – Em outro país?

L – É, em outro país. Aí... aí a gente vê o anjinho na França, aqui, no tabuleiro, e a gente coloca... tem o negocinho amarelo, o verde, o azul e o vermelho, que é os pontos...

E – Aí vocês ligam os pontos e os personagens?

L – É... eu não sei explicar direito...

(pequena pausa)

E – Então vocês usam bastante a sala para fazer brincadeiras e jogos, ou não?

L – Sim, a gente usa bastante.

E – E vocês fazem brincadeira na carteira também, sentados, ou é mais no chão?

L – É mais no chão.... a gente também já brincou de mímica...

E – Na carteira vocês fazem mais os trabalhos escritos...?

L – Escritos, tudo...

E – E tem de conta também?

L – Conta não tem muito.

(pequena pausa)

E – Quando você estiver acabando o desenho você me fala, tá?

(pequena pausa)

E – Vocês se movimentam bastante, né, na sala... que eu fiquei observando aqueles dias. Vocês se levantam...

L – A gente também brinca muito...

E – É.

L – A gente fica brincando assim, a tia cucu, a tia quaqua (rindo)... a gente fica falando isso até quando a tia chegar a gente fala “a tia”, daí a gente

tenta dar um susto nela mas, ontem ela deu um susto assim “bú”, a gente “ahhh”...Ué, cadê meu preto?

E – E você gosta de poder ficar andando pela sala?

L – Sim, a gente até corre, a gente já correu...

E – Eu vi mesmo...

L – Outro dia a professora de inglês gritou, hum....

E – E por quê?

L – Porque o T. tava assim... um ficava fazendo assim e o outro também... (representou com um barulho com a boca e soprando a língua, como se estivesse cuspiendo).

E – E isso não pode aqui?

L – É, porque eles tinham que ficar prestando atenção, eles ficavam cuspiendo um no outro. E aí ela teve que gritar até que eles pararam.

L – Que droga, meu preto quebrou.

E – Tem preto aqui. (indicando os lápis que eu trouxe para ela utilizar)

E – Cada um tem seu material, né?

L – É, cada um escolhe seu material.

E – Mas aí você que traz o estojo, algumas cores?

L – Bom, eu já deixo na mochila, quando eu precisar...

E – E L., vocês podem, sei lá, vocês estão fazendo uma atividade na carteira, daí vocês podem levantar e pegar um jogo daqueles da estante e começar a jogar?

L – Bom, às vezes, hum... não! Mas só que quando a gente termina a lição, a professora fala para pegar um livro ou, às vezes ela fala para pegar um material...

E – E o que você acha dessa sua sala de aula?

L – Hum, bem legal.

E – Mas assim, legal como, porque que é legal?

L – Porque a gente aprende um monte de coisa, a gente fica brincando.

L – E também, às vezes acontecem umas coisas muito engraçadas... Um dia o T. quase caiu da janela. É sério, mas ele caiu em cima do telhado, hum foi uma coisa e tanto...

E – Mas e ele podia estar lá na janela?

L – Não, ele ficou assim ó... que nem sapo. Aí depois, fui eu que empurrei, mas não foi de propósito, eu só fiz assim ó. Aí foi... o T. caiu...

E – Mas vocês tem liberdade para ir na janela?

L – Não, a tia M. fecha a janela... A gente, acho, teve que ficar uma semana sem ir na janela. Eu acho, eu não sei por que, não me lembro. Ai o tio veio, pegou uma escada, porque amassou a telha, aí ele veio pegou uma escada, empurrou a telha para cima... Aí a coordenadora, que é a F. falou e quem vai pagar, mas aí o tio J. veio, empurrou a telha e arrumou.

E – L. e o que você sente nessa sua sala, que você pode andar, que você pode brincar?

L – Ah, bastante coisa. Bom, eu sinto de fazer muita lição, eu gosto... Me sinto feliz.

E – Você sente que tem liberdade para fazer as coisas?

L – Bom, não tanto, porque às vezes a gente quer fazer uma coisa e a tia não deixa, uma outra e a tia deixa... (pausa)... Ainda bem que não tem que chamar a tia N., tchan-tchan-tchan, porque ele faz assim, o T., tchan-tchan-tchan...

E – E a tia M. briga quando vocês ficam correndo pela sala?

L – Ela fala: “pode parar”.

E – Mas quando eu observei, ela deixou um pouco...

L – É, ela deixou né, mas... ela ficou na dela, a gente ficou na minha, na da gente. Às vezes o A. fica assim ó (imitando o amigo quando ele fica olhando para o teto, não querendo fazer a tarefa)... Aí a M. fala: “A.”

E – E L., você acha que vocês ficam mais sentados nas carteiras ou mais fazendo as outras brincadeiras...?

L – Mais fazendo as outras brincadeiras do que nas carteiras... Tem uns dias que a gente fica quase todos os dias... quase, quase assim...quase o dia inteiro na carteira...

E – E aí, esses dias são piores que os outros ou são iguais?

L – Bem, iguais, mas alguns são piores do mundo.

E – É, e por quê?

L – Porque, às vezes, a tia grita... a tia tem que gritar...Um dia o T. fica assim pensando, é um exemplo, o T. fica pensando, aí a tia “A.”...aí depois ele faz alguma coisa errada, aí ela “A.”...aí outra coisa errada, e ela “A.”...depois o mundo acaba...aí eu falo para mamãe: “mãe, eu quero mudar de escola, hoje foi meu pior dia...”

(pequena pausa)

E – Se eu pedisse para você descrever sua sala, o que você me falaria. Tipo assim, L. me conta o que é sua sala, o que é que tem na sua sala.

L – Bom, é bem legal... ah, lá também...lá é um espaço bem grandão, bem legal...e também... às vezes, a tia M., ela faz assim, ela pega rádio, a gente fica fazendo lição, e a gente fica escutando música assim...Um dia o G. ficou assim ó (representando que segurava um microfone com a mão) , com um microfone de mentira, aí ficou assim ó: “o mundo da lua”...aí eu só ficava rindo...

E – E me conta mais o que tem na sua sala.

L – Lá tem esse espaço aqui (apontando para o desenho), que guarda as mochilas, tem também uma caixa de brinquedo que é tudo quebrado, qualquer coisa quebrada... a gente...(pausa)

E – O que mais... tem uma lousa...

L – Nessa lousa.... da tia L., sabe esse teto daqui, a lousa é quase do tamanho desse teto, mas só na medida, é super grande...

E – E tem cartazes na sala?

L – Tem, tem bastante.

E – E o que tem nesses cartazes? Vocês que fizeram?

L – Não. Tem charada, tem poemas, tem um que é de ajudante... é que a gente põe uma plaquinha assim no negócio, e aí, tipo, o ajudante hoje é o G., aí enfia a plaquinha no nome do G.

E – Mas os cartazes a tia M. fez sozinha ou elas fez junto com vocês?

L – Eu acho que ela fez sozinha, eu vi ela fazendo.

E – Mas, por exemplo, aqueles combinados da turma, que têm o que pode e o que não pode fazer, será que ela pensou tudo sozinha?

L – Não. Foi eu e o T. que ajudamos fazer. É que o G. e a V. eu acho faltou.

(pequena pausa)

E – Você me falou no começo que acha sua sala legal. É legal por quê, você sabe me dizer?

L – Porque a gente escreve bastante, a gente aprende um monte de coisa, faz um monte de coisa... a gente também anda bastante, corre bastante, faz bastante palhaçada.

E – E L., me conta uma coisa, é bom você poder usar o material da sua sala?

L – Ahã, porque depois a gente aprende né... A gente aprende e aprende...

E – E quando você não pode usar o material?

L – Aí a gente pega um livro e fica lendo.

(pequena pausa)

E – L. vamos voltar um pouquinho nos materiais. Quando você pode usar os materiais nessas brincadeiras que vocês fazem, o que você acha?

L – (me interrompendo) Materiais é depois da roda de conversa...

E – E o que você acha disso? É legal?

L – Sim.

E – E você acha que... a sala fica sendo mais sua ou não?

L – Bom, a sala é dos alunos e da professora. Não mais minha assim, a sala não é minha... a sala é da escola.

- E – E quando os alunos podem usar os materiais e a sala, como é?
- L – É bom.
- E – E porque é bom?
- L – Já falei, porque a gente aprende... aprende.
- (longa pausa)
- L – É chato perder horário de parque.
- E – É né. E já começou o parque?
- L – (concordou com a cabeça) Uma vez eu já fiquei sem parque, que é uma coisa super chata.
- E – E por quê?
- L – Porque... lembra quando eu empurrei o T. pela janela sem querer, então...por isso.

Dessa forma, percebendo que já estava competindo com o intervalo da aluna, finalizo falando que nosso tempo já estava acabando. Expliquei que para ela não perder muito tempo de seu intervalo, eu voltaria na semana seguinte para continuar a nossa conversa. Agradeço sua cooperação e elogio o desenho, L. então vai correndo para seu recreio.

Segunda entrevista – duração de aproximadamente 50 minutos:

Novamente fui encontrar L. em sua sala. Observo que todos os alunos estão de pijamas e, ao mesmo tempo, a professora começa a explicar-me que hoje é o dia do pijama para eles. Pude observar que as carteiras estavam dispostas individualmente no ambiente, colocadas mais ao fundo da sala para que as crianças ficassem com espaço livre para realizar atividades. Assim, me dirijo para a mesma sala do outro encontro. Desta vez não há aula em volta, então o ambiente está mais tranquilo, silencioso.

Acomodamos-nos nas mesmas carteiras e então inicio explicando que gostaria que ela fizesse dois desenhos: um sobre os cantos da sala que ela mais gosta (Anexo V) e outro sobre uma sala imaginária, que ela mesma pudesse criar (Anexo VI).

L – Amanhã é o dia do... é, assim... a gente faz um monte de penteado maluco.

E – Ah é?

E – Então L., hoje eu queria que você desenhasse... é...a sua sala tem vários cantinhos né, tem o cantinho lá de fora, tem o canto que vocês fizeram aquela caixa de brinquedos... então, eu queria que você desenhasse o cantinho que você mais gosta.

L – Sabe aquele canto da sala, a gente vem, se esconde lá, aí em vez da gente dar um susto na tia, a gente tenta várias vezes e a gente não consegue...

E – Vocês ficam tentando dar susto naquele canto? E é aquele canto que você gosta?

L – Ahã.

(pequena pausa)

E – O que tem naquele cantinho?

L – Lá tem aquela caixa de papelão, lá tem as malas...

E – Vocês fazem alguma atividade lá?

L – Não.

E – Lá é só para guardar as malas?

L – Não, lá a gente guarda livro... que é o que eu to fazendo aqui...

E – E porque você gosta daquele cantinho?

L – Porque a gente... é... fica se escondendo, a gente vive se escondendo...a gente, a maioria das vezes a gente se esconde da tia, mas não dá...

E – E além de se esconder lá, porque você gosta daquele canto?

L – Porque a gente pega livro e fica lendo. Mas às vezes a gente lê mais aqui ó... Também a gente fica cochichando...

E – Ah é, aqui pode cochichar então?

L – Eu e minha amiga V., que é aquela lá que está de camisola, a gente só fica cochichando.

E – E quando vocês ficam lendo, vocês que escolhem os livros?

L – É.

(pequena pausa)

E – Vocês podem vir nesse cantinho a qualquer momento da aula?

L – Sim, quando termina a aula a gente vem, pega um livro, mas... a gente não vem tantas vezes lá.

(pequena pausa)

E – L., se você pudesse dividir a sala em vários cantinhos, como é que você dividiria? Qual seria o mais legal, depois o segundo, o terceiro?

L – Bom, acho todos os cantinhos legais, mas o que eu mais gosto é esse.

E – E depois o segundo?

L – Esse aqui que tem a roda de conversa...

E – E porque que você gosta desse? O cantinho da roda de conversa, porque você gosta?

L – Porque a gente fica conversando... porque a gente fica falando bastante coisa legal... Porque, a minha professora, ela conta umas histórias de quando era pequena muito engraçada... A do Ovomaltine era assim. Eles pegaram leite e colocaram muito Ovomaltine até ficar preto, aí o pai deles quando viu, aí falou assim “vocês vão comer metade do Ovomaltine!”... ela passou quase o dia inteiro, ela passou o dia inteiro no banheiro, ela e o irmão dela...

E – E como é que você se sente quando a professora conta história ou quando vocês podem contar histórias?

L – Ah, me sinto... alegre, legal.

(pequena pausa)

L – Aqui é o cantinho da sucata. Aqui a gente coloca um monte de potinho de danone, yogurte...

E – E para que vocês colocam aí?

L – Para quando a gente vai fazer uma maquete, tem uns negócios para a gente usar.

E – Mas só quando vai fazer maquete?

L – Ah, não, para várias coisas... para usar, brincar...

(pequena pausa)

E – E vocês fazem alguma atividade para utilizar a sucata?

L – Sim.

E – Qual?

L – Eu prefiro maquete.

(pequena pausa)

E – L. quando você quiser passar para o segundo desenho então você me fala... Daí você desenha o segundo cantinho que você mais gosta. Daí a gente faz os dois e eu não te atrapalho para o intervalo.

E – Que atividade vocês estavam fazendo agora quando eu cheguei?

L – É... trabalho livre... Tem de folha, tem de objeto... Tem que terminar até sexta-feira.

E – A apostila?

L – É.

E – Na outra entrevista você me disse que gosta do trabalho livre né, é o que você mais gosta?

L – Também.

E – E quais seriam as outras?

L – Ah, a roda de conversa... os outros brinquedos de brincar...

(pausa)

L – Sabe por que tá silêncio. É que eles foram ver filme... eles saíram da sala...

(pausa)

E – L. e como é para você poder ter uma sala assim, que vocês podem andar pela sala, não precisam ficar sentados o tempo todo...

L – Ah, a professora, ela fala... ela fala assim “vai lá e pega um livro e lê”...

E – Aí vocês podem levantar pegar o livro...

L – Sim, se a gente quiser a gente pode ficar equilibrando na cabeça...

E – E como é para você?

L – É legal.

(pausa – a aluna percebe que os colegas estão descendo para o intervalo)

L – Antes de eles descerem eu queria dar um oi para eles.

E – Antes de eles descerem para o intervalo?

L – É.

E – Que horas que é?

L – É agora!

E – Quer ir lá dar um oi, vai lá, pode ir...

(a aluna levanta e vai até a porta cumprimentá-los com um “oi”)

E – E L. aqui tem muita regra na sala de aula?

L – (balançando a cabeça negativamente ela responde) No cartaz não tem quase nada... tem algumas... algumas...

E – Uma das regras que eu vi é não ficar correndo.

L – É, correndo, correndo... Sabe por que a gente não pode ficar correndo? É porque se não vai dar barulho na secretaria, na diretoria.

E – E você acha ruim isso?

L – Ficar atrapalhando a diretora, a coordenadora, para poder vim na sala, para poder nos castigar?...Pelo amor de deus!

(pausa)

E – Vocês usam bastante o corpo aqui?

L – Como assim?

E – Ah, fazem atividades que mexe o corpo...

L – Sim, educação física...

E – Mas e dentro da sala de aula?

L – Dentro da sala também, o relaxamento.

E – E qual mais?

L – Ah, também a gente mexe bastante o corpo no parque... No parque é brincar pra valer...

E – Mas e na sala, além do relaxamento?

E – Não tem uma que a professora põe música?

L – Sim. Às vezes a gente fica é... é...fazendo lição ouvindo música.

E – E nessa também pode se mexer?

L – Não.

E – Mas e alguma que pode se mexer?

L – Ah, tem uma, mas faz tempo... Teve uma que era assim, ela ficava colocando umas músicas e a gente ficava dançando... e o G. dançou uma música muito engraçada, ele ficou assim ó, com uma garrafa como microfone e ficou falando “é no mundo da lua, é no mundo da lua”...foi muito engraçado.

Neste momento, passando para o segundo desenho, a aluna me explica que desenhou o primeiro canto que mais gosta (espaço onde guarda as malas), o segundo (o espaço da roda de conversa) e o terceiro (a caixa de sucata que fica no mesmo canto das malas).

E – Então L., agora eu queria que você desenhasse uma sala que você pode imaginar como seria.

L – Qualquer sala?

E – Qualquer sala, o que vier na sua cabeça, uma sala legal que você gostaria de criar.

L – Eu queria uma sala de parque de diversões, ia ser gigantesca. A gente ia poder ir no tobogã, na montanha russa...

E – Então faz essa. Pensa como ela seria e pode desenhar.

L – Uma sala da minha cabeça?

E – Isso.

(pausa)

E – E L., você fica em todos os cantinhos?

L – Fico.

E – Toda semana...?

L – Todos os dias não fico nesse aí... mas só que é legal esse cantinho porque a gente pega o material e...pode montar a maquete.

E – E você aprende quando você faz isso?

L – É... na verdade, eu sei fazer maquete...mas, aprender nessa idade também...aprender a colar...

(longa pausa – a aluna se concentra no desenho e começa a bocejar)

E – Aqui na sucata vocês podem fazer qualquer brinquedo?

L – Ah, só se a professora deixar porque a gente faz bastante coisa, a gente faz... brinquedo, a gente também fez barandão, que é um negócio que a gente coloca qualquer coisa de papel, a gente faz assim, faz um negócio de jornal, coloca um elástico...

E – Mas e a professora fala o que ela quer que faça ou vocês podem fazer qualquer coisa?

L – Ela fala... que a gente tem que fazer...

E – Daí vocês inventam?

L – Como assim?

E – Ela fala... por exemplo no dia da caixa de papelão, ela fala que vocês tinham que fazer, mas vocês que pensaram no mosaico, lembra? É mais ou menos assim?

L – Lembro, é assim... a gente que pensa.

E – E como é para você poder fazer isso, uma coisa que você quer com o objeto? Você aprende?

L – Ah, eu gosto. A gente se sente bem... (bocejando)... é, pelo menos a gente colabora.

E – Colabora com o que?

L – Ué, com a lição. A gente faz um negócio todo mundo junto, a gente fica colaborando.

E - Vocês fazem muitos trabalhos em grupo?

L – Sim. A gente ajuda os outros.

E – E você aprende a respeitar o outro?

L – É (bocejando – nesse momento percebo que a aluna está cansada e explico que irei fazer mais uma ou outra pergunta para liberá-la).

L – É porque naquele dia tava quase no fim do parque... e eu não quero perder o parque.

E – Mas é só desta vez... porque você está colaborando comigo, né?

L – É.

(pausa)

E – E L., você gosta de descer no parque e poder brincar com a natureza...?

L – Não pode arrancar as flores, virar a horta. Mas é legal.

E – E você pode mexer na horta?

L – Não. Só nos dias que é para plantar... No cartaz tá escrito, saída, parque...tudo.

E – São suas atividades né?

L – É.

E – E toda semana tem a horta?

L – Não... só às vezes...terminei.

E – E L., só para finalizar... o que é ser livre? Você se sente livre na sala?

L – Ah, é... eu me sinto livre quando eu tô fazendo trabalho livre...é legal.

E – E o que tem de diferente nessa sala que você desenhou?

L – De diferente... Ah, que nessa sala não precisa fazer tanta lição e nas outras tem.

#### **IV - Análise / Discussão**

Acompanhando a turma de primeiro ano pude observar um pouco do seu cotidiano escolar.

Em relação ao espaço físico da sala de aula, percebi crianças muito soltas, livres nesse espaço. Pude acompanhar que há a possibilidade de circularem pela sala mesmo quando estão em atividade na carteira, tocarem os objetos e interagirem entre si de maneira autônoma. É claro que há momentos oportunos para terem mais liberdade de movimentação e exploração dos materiais, mas percebo que a professora não os repreende a todo momento, não restringindo-os. Quando estão realizando certas atividades (exercícios da apostila) nas carteiras há uma maior preocupação por parte da professora para que os alunos não se dispersem a todo o momento – mas há também uma enorme liberdade para que cada aluno tenha um tempo próprio para a realização das atividades.

Com um arranjo aparentemente simples, ou seja, com poucas carteiras e muito material disponível (jogos, brinquedos, sucata, cartazes) assim como bastante espaço livre, percebi crianças muito ativas e dispostas às práticas propostas. Pude ver que as crianças povoam sua classe, preenchem seus espaços. Mesmo que o espaço da sala de aula não seja modificado e/ou preenchido por novos materiais frequentemente, as crianças mostram-se motivadas no seu dia-a-dia.

A relação íntima que os alunos desenvolvem com a professora é também um aspecto interessante. Devido à configuração da classe (poucos alunos e arranjo espacial) os alunos podem solicitar a professora de maneira mais próxima, assim como a professora pode disponibilizar maior atenção às crianças. Os objetivos da escola relacionam-se ao tipo de ocupação das crianças e por essa razão são apenas quatro alunos na sala propiciando uma atenção especial por parte da professora.

Acompanhei momentos em que a professora realmente ficava ao lado dos alunos quando estes estavam fazendo atividades pela classe, não se colocando numa posição isolada nas atividades, mas sempre próxima a eles mesmo quando estes estavam realizando exercícios de apostila em suas carteiras.

Portanto, podemos observar esse espaço significando espaço de *socialização*, espaço de convívio social, onde a criança aprende junto aos outros. Em suas falas e em suas respostas a criança sempre se refere ao grupo, dizendo: “*a gente faz... a gente aprende*”. Quando perguntada se através da possibilidade de utilização dos materiais ela sente que a sala fica sendo mais dela, ela responde: “Bom, a sala é dos alunos e da professora. Não mais minha assim, a sala não é minha... a sala é da escola”.

*Colaborar* – a criança comenta que ao utilizar os materiais da classe eles (os alunos) colaboram. “A gente faz um negócio todo mundo junto, *a gente fica colaborando*”. Ela relata que colaboram com a lição (atividade) e com os outros. “A gente ajuda os outros”. Podemos perceber assim que o espaço da sala para a criança também representa convívio social, aprender a colaborar em atividades coletivas. Isso reflete que o aprender dito por ela significa também aprender *com*.

De maneira geral pude ver que o significado que o espaço tem para a criança está muito correlacionado às atividades ali realizadas. As experiências vividas pela criança dentro da escola são muito diversificadas, devido também à variedade das atividades propostas. Não podemos falar sobre como a criança significa o espaço de sala de aula sem levar em consideração que esse espaço é também a realização, o acontecer de uma atividade. O significado representa o fazer naquele espaço, percebendo-o como ação. Este espaço é significado como espaço de *possibilidades de ação*, sempre mesclando o poder e o não poder determinados enredos de ação.

“L – Porque a gente *escreve* bastante, a gente *aprende* um monte de coisa, *faz* um monte de coisa... a gente também *anda* bastante, *corre* bastante, *faz* bastante palhaçada.”

“L – É, tipo, a gente pode sentar no espaço que tem aqui e aí pega o tapetinho e fazer o trabalho livre.”

Sendo este espaço o espaço de atividades e também de possibilidades de ação, configura-se num espaço de regras na medida em que a criança o percebe como lugar onde pode e não pode certas ações. A criança entende que o espaço de sala de aula tem a ver com regras, possui limites. Ela se apropria desse espaço compreendendo seus limites quando ajuda na definição, construção dos “combinados da turma”. Juntamente com a professora, a aluna participa da construção dos combinados da turma refletindo e percebendo o porquê de certas regras e limites.

“E – E L. aqui tem muita regra na sala de aula?

L – (balançando a cabeça negativamente ela responde) No cartaz não tem quase nada... tem algumas... algumas...

E – Uma das regras que eu vi é não ficar correndo.

L – É, correndo, correndo... Sabe por que a gente não pode ficar correndo? É porque se não vai dar barulho na secretaria, na diretoria.

E – E você acha ruim isso?

L – Ficar atrapalhando a diretora, a coordenadora, para poder vim na sala, para poder nos castigar?...Pelo amor de deus!”

Ao longo da entrevista a criança enfatiza que no espaço da sala de aula ela *aprende*. Aprende por exemplo, como ela mesma disse, a colar e a utilizar os materiais. Podemos compreender também esse aprender

ênfatizado por ela como possibilidade de conhecer, aprender sobre seus alcances, suas possibilidades. A criança pode aprender com tudo, com a manipulação dos materiais, na relação com os amigos, com os não amigos, com as professoras, com sua movimentação no espaço – aprendendo sobre si e sobre seus alcances nas situações de sala de aula.

*Brincar* - percebi que a criança se refere ao aprender como brincar, não aprender de qualquer forma, mas um aprendizado prazeroso, reconhecendo as atividades como brincadeiras, no sentido de que apreender pode ser uma brincadeira. Ao longo da entrevista ela vai nos contando as diferentes formas de brincar dentro da sala de aula, referindo-se ao espaço também como local de brincar. A brincadeira, portanto, assume um papel essencial porque se constitui como produto e produtora de sentidos e significados na formação da criança, propiciando elaboração e desenvolvimento.

*“Pensar a educação numa perspectiva criadora, autônoma, consciente. Através do jogo, não somente abre-se uma porta para o mundo social e para a cultura infantil como se encontra uma rica possibilidade de incentivar o seu desenvolvimento” (FRIEDMANN, 1998, p. 1).*

“L – Ahã, porque depois a gente aprende né... A gente aprende e aprende...”

“E – E quando os alunos podem usar os materiais e a sala, como é?

L – É bom.

E – E porque é bom?

L – Já falei, porque a gente aprende... aprende.”

“L – Porque a gente aprende um monte de coisa, a gente fica brincando.”

“L – A gente também brinca muito...”

“L – A gente fica brincando assim...”

Pude perceber uma escola que com seu arranjo espacial consegue enfocar seus projetos, preparando as crianças para uma vida integrada com o ambiente em que vivem além de buscar conscientizá-las para a importância desse ambiente.

Vivemos dentro de uma concepção pedagógica que ainda coloca a educação como simples transmissão de conhecimento, onde o educando é mero receptor de quem detém o verdadeiro conhecimento.

Não podemos negar a pluralidade pedagógica que existe hoje. Mas também não podemos negar a crescente exigência das questões econômicas produzindo um aumento na criação de espaços pouco adequados, limitando assim, as possibilidades de um desenvolvimento integral de crianças e adolescentes.

De acordo com Freire e Costa percebemos que na educação infantil a questão do espaço e, mais especificamente, o arranjo espacial é tido como problema a ser levado em consideração. Mais do que no ensino fundamental, na educação infantil as diversas propostas pedagógicas levam em consideração a aprendizagem relacionando-se com o ambiente. Embora diversas instituições de educação infantil antecipem o trabalho de escolarização, estas ainda parecem ser o espaço da brincadeira, da imaginação e da liberdade. Basta entrar em uma sala de educação Infantil e em uma classe de ensino fundamental para perceber a diferença.

Com o intuito de transformar a criança do ensino infantil em aluno do ensino fundamental, na medida em que a criança cresce, o espaço da sala de aula vai se tornando padronizado, restringindo a movimentação do indivíduo. O ambiente se impõe negativamente ao desenvolvimento da

criança como um todo, pois restringe sua experimentação ativa e livre. Em seu cotidiano escolar são escolhidas apenas algumas atividades em que a criança possa ter experiências práticas e aprender com suas intenções possíveis. Na grande parte do tempo a medida é “sentar na carteira e aprender a pensar”, “preparar a criança para a seriedade futura”, ao contrário da forma como concebem a sala de aula Zuben (1989) e Oliveira (2007), ou seja, um espaço de ação, um recurso para o desenvolvimento da experimentação e avaliação de intenções possíveis.

Pude constatar em meu estudo que na educação infantil a importância do espaço é significativamente maior. O espaço é instrumento do processo de conhecimento da criança. Se ensinar é também instrumentalizar, a melhor forma é fazê-lo de maneira prática. O espaço da sala de aula quando não utilizado revela o estancamento do processo de busca pelo conhecimento.

Não basta somente organizar a sala em cantinhos, se a pedagogia ali estiver concentrada basicamente nas instruções do professor. Pode acontecer de o espaço estar impedindo a movimentação e impossibilitando a interação da criança com o ambiente e com os outros.

Possuir, povoar e experienciar o espaço é uma das maneiras da criança experimentar seus alcances e limites. Objetos, imagens, sons, cheiros, movimentos, são componentes fundamentais para qualquer experiência de aprendizagem, não só infantil, mas humana.

Na fenomenologia o ser, ao contrário da idéia de sujeito (subjectum), está lançado e aberto ao mundo, sendo corporal e espacial. É constitutivo do ser traduzir-se em espacialidade; sua maneira de estar no mundo é também sendo espacial.

**V - Referências Bibliográficas:**

ARAÚJO, José Carlos Souza in MORAES, Regis de (org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 4º ed. Campinas: Papirus, 1989, p. 39-51.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia – confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty – uma introdução**. São Paulo: Educ, 2000.

COLÉGIO INVENÇÕES. Disponível em:  
<<http://www.colegioinvencoes.com.br>>. Acessado em: ago.2008.

CRITELLI, Dulce Mara. Ontologia do cotidiano ou resgate do ser: poética Heideggeriana in Martins & Dichtthekeian (org), **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Nas trilhas e tramas de uma escola pública: abordagem fenomenológica de um relato de experiência como diretora**. São Paulo. 1996. 285p. Mestrado (Psicologia da Educação) – Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FREIRE, Madalena; COSTA, Eliana A. Pires da in MORAES, Regis de (org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 4º ed. Campinas: Papirus, 1989, p. 95-105.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

GOMES, Heloísa Szymanski Ribeiro. **Um estudo sobre significado de família.** São Paulo. 1987. 504p. Tese de Doutorado – Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** Santos: Moraes Editores, 1970.

LACERDA, Régio. **A fenomenologia do estar no espaço humano.** São Paulo. 1984. 166p. Mestrado (Filosofia da Educação) – Faculdade de Filosofia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARTINS, Joel & BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia – fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Educ, 1989.

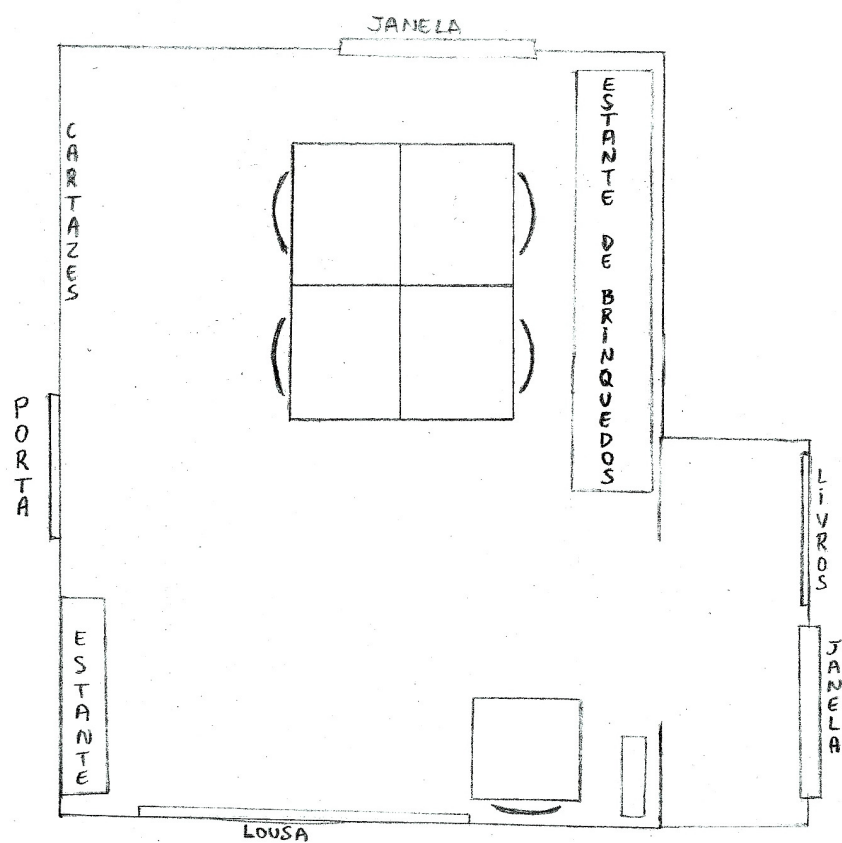
OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Editora Cortez, 2007.

PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REZENDE, Antônio Muniz de. **Concepção fenomenológica da Educação.** São Paulo: Cortez, 1990.

SANFELICE, José Luís in MORAES, Regis de (org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 4º ed. Campinas: Papirus, 1989, p. 83-95.

ZUBEN, Newton Aquiles von in MORAES, Regis de (org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 4º ed. Campinas: Papirus, 1989, p. 123-131.

ANEXO I

ANEXO IICOMBINADOS DA TURMA

Não pode:

- se arrastar no chão durante a aula;
- pular na sala durante a aula, só em algumas atividades;
- desrespeitar os colegas de sala e da escola;
- desrespeitar os horários de atividades;
- deixar lixo, conserve nossa escola;
- devemos respeitar a opinião de todos, mesmo que seja diferente da nossa;
- saber ouvir, aguarde a sua hora de falar;
- conserve os materiais escolares;
- não arrotar, ou fazer barulhos com o braço (pum);
- não chegar perto do parapeito da janela

ANEXO III**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, R.G: \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo que concordei com a participação de meu filho na pesquisa intitulada A criança e a exploração do espaço na sala de aula: um olhar fenomenológico, desenvolvida na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Prof.(a) \_\_\_\_\_, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone número 3670.8320 ou e-mail [psicopuc@pucsp.br](mailto:psicopuc@pucsp.br)

Afirmo que aceitei que meu filho participasse pela própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações obtidas Estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

A colaboração de meu filho se fará de forma anônima, por meio de entrevista aberta e observação, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e/ou seu orientador.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida, poderei contatar o pesquisador responsável (ou seu orientador), ou ainda o Comitê de Ética em

Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP – PUC/SP), situado na Rua Ministro de Godoy 969 – Térreo, Perdizes, São Paulo (SP), CEP: 05015-000, Telefone: 3670.8466.

O pesquisador principal do estudo me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

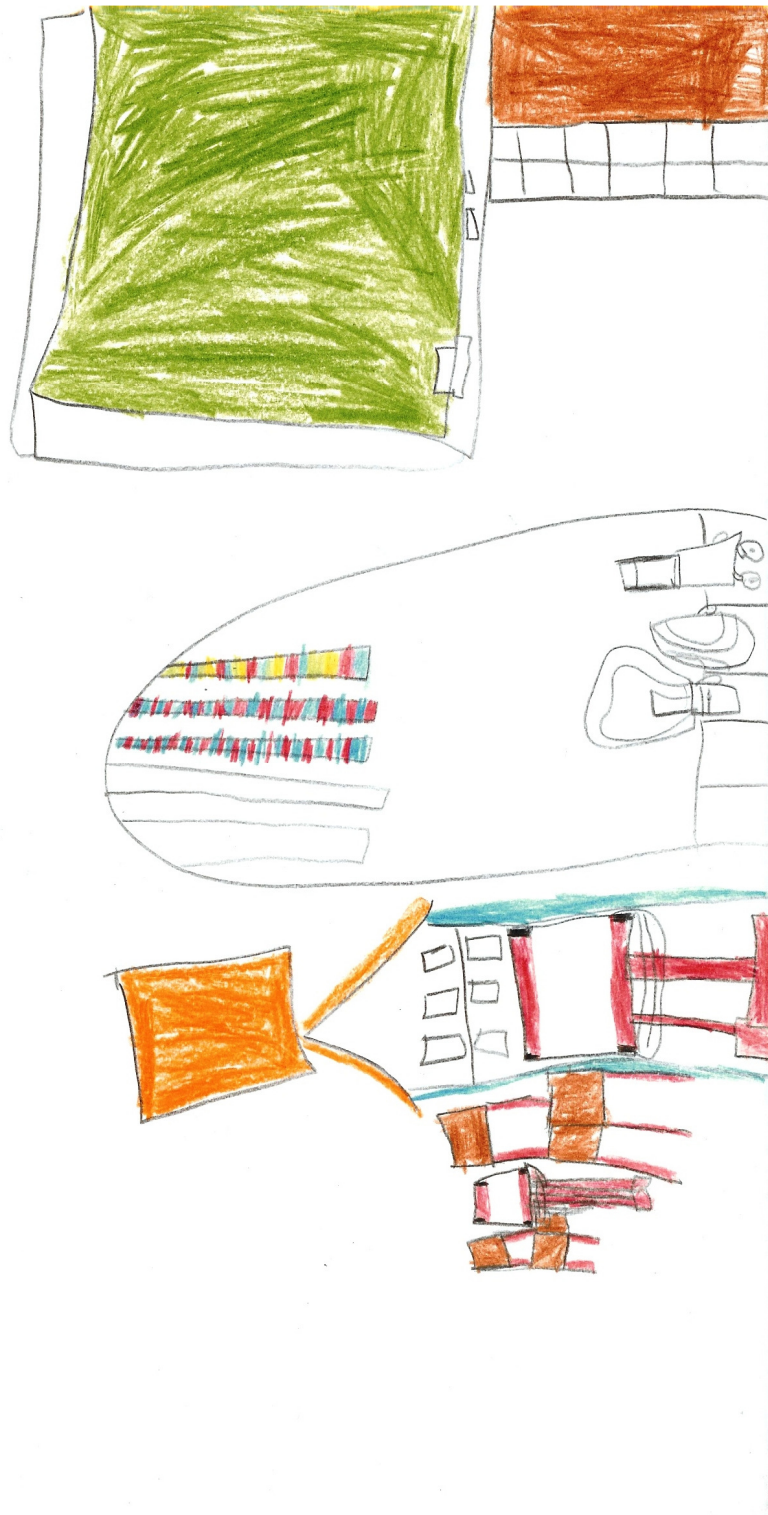
Fui ainda informado (a) de que meu filho poderá se retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para seu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

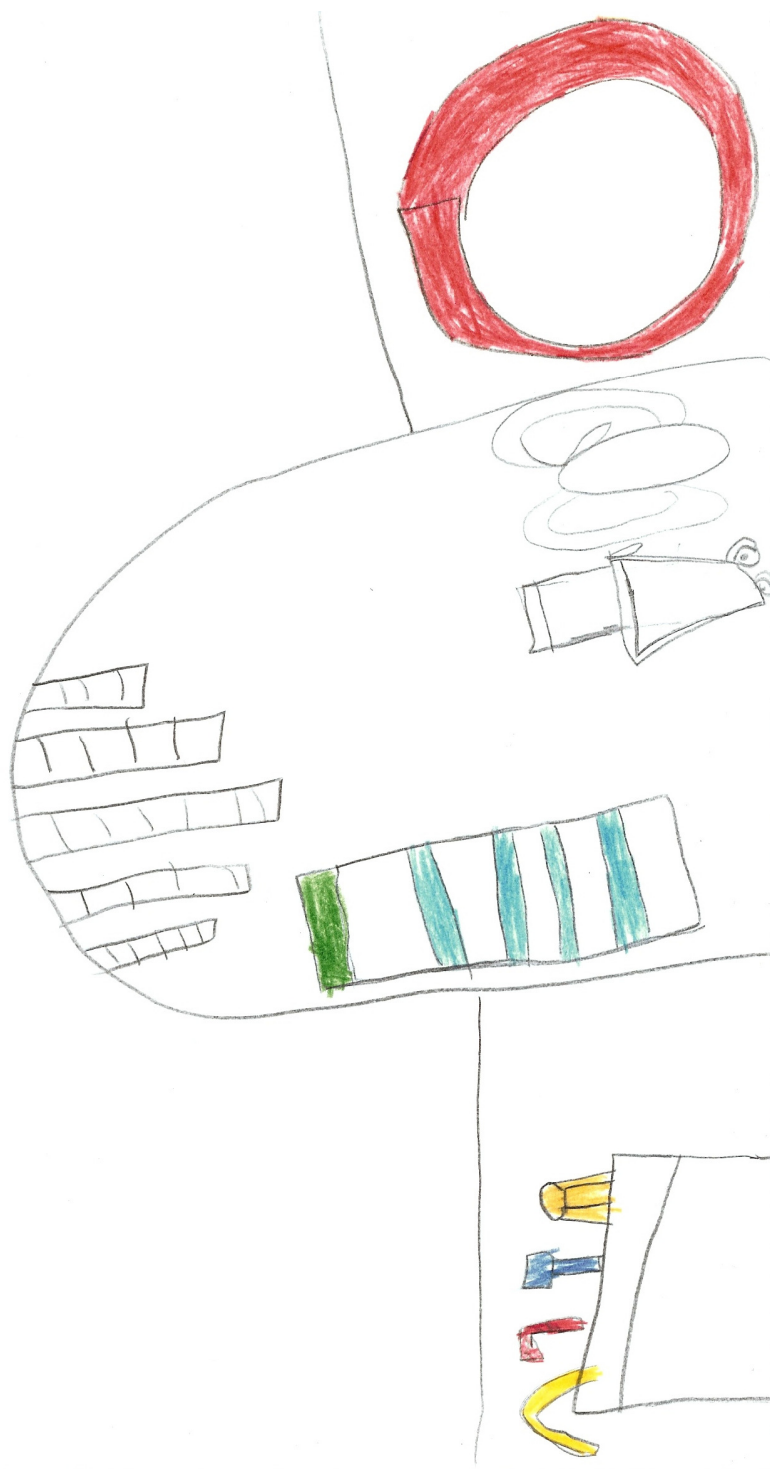
São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_

Assinatura do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) orientador: \_\_\_\_\_



ANEXO V

ANEXO VI